

O ENSAIO DA IDENTIDADE FEMININA

Maria Cristina de Souza

Mestre em Literatura Brasileira pela USP

Resumo :

Este texto tem como objetivo traçar um paralelo entre o ensaio enquanto forma literária e a identidade feminina como forma psicossocial, além de demonstrar o quanto a forma ensaística se presta à discussão de um tema complexo e polêmico como o da identidade feminina.

Desta maneira, esta abordagem segue o estilo do ensaio no que diz respeito à sua fragmentação, à liberdade com que se discute o assunto e à interpretação pessoal que se lhe aplica.

Torna-se possível estabelecer uma semelhança entre o ensaio e a questão da identidade feminina através do mesmo enfoque (sob um mesmo ângulo), que trata de suas origens na necessidade de formação de um novo "eu", no instante da descoberta da absoluta fragmentação do ser humano. Isto é, embora distinguindo-se por essência, o ensaio sendo um modo de escrita (forma) e a problemática da identidade feminina um tema (conteúdo), há um paralelismo entre eles e seus caminhos que vem do nascimento de igual matéria - a constatação da radical incompletude do ser humano -, e do direcionamento ao mesmo fim - discursar na modernidade sobre a sensação da perda ou da falta, e suas conseqüências.

Nova semelhança se observa a partir do momento em que se constatam seus princípios de complexidade e/ou diversidade . O ensaio moderno tornou-se muito rico por abarcar muitas coisas, situar-se no alto, ser muito espiritual e multiforme. Tal fato faz com que seja extremamente difícil precisar se os escritos que pertencem a esta categoria de escrita têm características próprias que permitam identificá-lhes um princípio formal idêntico e autônomo.

Do mesmo modo, o feminino engloba inúmeras facetas, sendo até mesmo necessário reconhecer que ele é formado não somente pelas diferenças com o masculino como também por suas semelhanças.

O ensaio e o feminino possuem sua unidade distintiva na diversificação, isto é, parte-se da impressão que eles possuem uma forma que os distingue com o rigor de uma lei, na posse ou na ausência de determinados elementos. Mas, na realidade, o ensaio se distancia de outras formas literárias, e o feminino do masculino na proporção, no equilíbrio da variedade de coisas que lhes dão forma. Ainda, na riqueza de ordenar uma massa feita de mesma matéria, podendo-se dizer que participam deles, paradoxalmente, o que lhes é próprio e o que é coletivo, de maneira que os limites que lhes dão estrutura são tênues, fugazes e questionáveis.

Por sua multiplicidade plástica, o ensaio se vê impedido de formular, a partir de uma ausência de forma, algo novo. Atém-se a expor verdades sobre as coisas de que trata, buscando encontrar uma compreensão para a natureza delas. Porém, estas verdades estão, antes de tudo, restritas à verdade interior do ensaísta. Este, ao se debruçar sobre si mesmo a partir das coisas, tem a oportunidade de conferir a elas o que lhe é inerente e pessoal, de onde o caráter subjetivo do ensaio que o diferencia dos escritos de ensinamento, elementos de informação pura e simples, ou relatórios. A subjetividade na questão da essência do feminino é incontestável, pois não são os fatores físicos, biológicos, objetivos que determinam o ser feminino. Não são as vestimentas, comprimentos de cabelos, ou até mesmo usos de adornos como brincos ou pulseiras, tampouco a presença ou ausência do falo que determina os sexos.

Outro ponto é que, com a constatação de que a espécie humana, cada um de seus seres não é um ser completo, o narrador não tem mais como transmitir ensinamentos e está à procura de suas próprias respostas, à procura de ajuda para solucionar seus problemas, tornando-se o narrador da solidão individual, que é o espaço e local da origem do ensaio.

As mulheres, por sua vez, deparam-se com uma solidão especificada e gerada pela estratificação social vigente, que discrimina seus membros de acordo com suas identidades sexuais. Tal estratificação é desenvolvida a partir de uma polarização artificial das qualidades humanas, favorecendo o homem em detrimento da mulher.

Na tentativa de desfazer, ao menos em parte, a sensação de isolamento do global, e de poder compartilhar com o outro, surgem o ensaio e o questionamento da identidade feminina. Eles aparecem em um processo, até determinado ponto dialético, de reconhecimento e busca de igualdade com o outro, ao mesmo tempo, de definição de especificidades. Apresentam-se ora como universos diferentes de seus congêneres, ora atravessam estes mesmos universos para atingirem o nível de generalidade, sem, contudo, perderem a cor, o tom e o acento dos universos de que provêm.

O ensaio e a identidade feminina chegam a suas particularidades através da comunhão com o todo. Pode-se então dizer que sejam duas questões de ponto de vista: o ensaio definindo-se sob a mira do estilo literário, e a busca de uma nova identidade feminina sob o enfoque do estilo de ser-no-mundo. Ao menos, tentativas, mesmo que rudimentares, de formação de um novo ponto de vista.

"O ensaio é um fato psíquico que possui um valor e uma existência própria : um ponto de vista espontâneo e profundo em face da totalidade da vida."

George Lukács, Natureza e forma do ensaio.

"Ser homem e ser mulher são apenas duas modalidades de ser-no-mundo, sendo masculino e feminino princípios diferentes de manifestação desse ser."

Malvina Muzskat, A mulher em busca de sua identidade.

O ensaísta não busca provar cientificamente suas idéias, nem abordar o assunto de

maneira exaustiva. Preocupa-se em desenvolver seu raciocínio ou intuição com a finalidade de verificar sua coerência e verossimilhança como um todo, pois conta o fim da vivência, o fim da experiência, o fim da sabedoria. Como afirma Walter Benjamin em "O Narrador", não se tem mais a verdade lapidar a transmitir ao leitor/ouvinte, apenas perguntas muitas vezes sem respostas, ou reflexões sobre as quais não se pode verificar o acerto ou a realidade.

A duração do ensaio, seu tempo, é relativo. Se considerarmos a tragédia, por exemplo, vemos que, embora hoje a julguemos de maneira bem diferente do que em outros tempos, ela continua sendo lida. Isto porque a ela se atém, ou melhor, ela está impregnada de elementos que lhe conferem a eternidade, a atemporalidade. O ensaio, em contrapartida, igual às hipóteses das ciências exatas, perde seu valor desde o instante em que aparece uma hipótese nova e melhor. Esta situação decorre também do ponto da brevidade da narrativa ensaística. O ensaio é fruto do desaparecimento do tempo em que o tempo não importava. O homem moderno precisa tanto chegar a algum tipo de conhecimento sobre si mesmo que nem ao menos se dá condições para procurar as verdades ou as últimas respostas às suas questões. A velocidade, a rapidez do encontro, apesar do quase inevitável desencantamento, é o que mais o atrai. Há a necessidade de se apresentar uma narrativa o mais breve possível. Contudo, o ensaísta está a meio passo do contador de histórias e dos sábios, porque enriquece o seu próprio saber com aquilo que pensa, sua verdade interior. Assim, sua narrativa fica composta tanto por aquilo que ele destila da vida, como por o que ele pensa ou imagina dela.

No caso dos ensaios sobre a identidade feminina, a subjetividade do assunto tratado concorre para a incompletude da narração, para o não-fechamento característico do ensaio, já que a matéria se mostra transformável e não mais intransformada como a das grandes epopéias. Quanto mais subjetiva a matéria a tratar, mais complexa por sua diversidade, mais difícil se torna abrangê-la em sua totalidade. Quanto mais hermética se pretende a narração de uma matéria subjetiva, tanto mais irreal ela se apresenta, tanto mais aparece a contradição do narrador em sua pretensão de relatar o que é, e a do objeto em mostrar que não é somente assim, ou que não foi apenas assim.

Por isso, evidencia-se como forma ideal para este tipo de assunto a narrativa -ensaio por sua flexibilidade de abordagem. Este fala sempre sobre algo que já possui uma forma, sobre alguma coisa que já foi. Pertence a sua natureza não fazer surgir da vacuidade do nada coisas novas, mas de conferir uma organização nova às coisas que já no momento dado possuem vida, forma. É assim que o ensaio sobre o feminino redefine a identidade feminina a partir do que já existe apenas invertendo ou reformulando alguns critérios ou conceitos.

"Homens e mulheres completos, à sua maneira viverão em suas distintas formas de expressão. A idéia de ser mulher não mais significa uma oposição, complemento ou limite do macho, mas sim a da existência... Há então a imposição de uma nova ética baseada no princípio da integridade, que se expressa pelo reconhecimento do Outro... Animus e Anima habitam as personalidades do

**homem e da mulher manifestando-se em momentos distintos na luta pela integridade através da individuação... Homens e mulheres só têm que ser iguais, quando um é melhor que o outro".
Malvina Muzskat, A mulher em busca de sua identidade.**

Há também no ensaio da identidade feminina a possibilidade de tradução do mito do feminino de Perséfone e Deméter.

O mito é um dos acessos à realidade arquetípica, que é conhecida através da emoção, e intuída sem ser formulada. O mito e o cotidiano são os fios que tecem o quadro mãe e filha que possui qualidades próprias como a identidade absoluta e a dimensão de continuidade. A experiência consciente da mulher produz nela o sentimento de imortalidade por perceber que a sua identidade se estende por mais de uma geração, a sua própria. A mulher projeta-se para trás debruçando-se na mãe e para frente, na filha. Assim, toda a mãe contém a filha em si mesma. Em toda a filha, há a mãe. Deste modo, mãe e filha revelam-se como dois pólos do mesmo ser - mulher - dialeticamente complementando-se para formar um todo só que é o feminino.

Do mito nos vêm o compartilhamento da essência do feminino e, conseqüentemente, o silêncio, pois aquilo que é interior e infinitamente partilhado não necessita ser falado. O relacionamento mãe e filha é alheio ao homem e o exclui. Visto pelos homens, este mundo é impregnado de uma intimidade intrigante. Todavia, se para se chegar à profunda identidade é preciso o reconhecimento do Outro e pelo Outro, há também a necessidade de se substituir o mito pelo ensaio com sua explicação. O relato ensaístico desfaz o enigma do mito diante dos olhos masculinos.

O ensaio é, deste modo, o momento de dizer o indizível, a grande traição, tão grande ou maior que o acesso feminino à linguagem que lhe é alheia e que lhe é vedada pela capacidade de sentir. A linguagem que a mulher usa não é a sua, mas desenvolvida por e para os homens.

Com a quebra do silêncio, com a força das palavras criando o que não tem existência própria, por si só, o ensaio se torna a hora e a vez de formular o existente em latência, ou melhor, do que existe, porém, obscura e negligenciadamente. É o lugar da existência de um pré-existente sensível e não perceptível, espécie de arquetipo que vem a se tornar real através dele.

Justamente o que buscam as mulheres: trazer à tona uma identidade reprimida e escondida, uma busca do restabelecimento do "eu" leva a mulher a questionar a sua identidade. A sensação da fragmentação se ratifica no mito do ser andrógino de Platão, contudo se verifica que a solução para o problema da identidade feminina não se dá no recuperar um no outro o seu complemento original, e sim na realidade interpessoal da reciprocidade, origem e condição do ser. Para chegar a si mesma, a mulher tem que chegar ao homem não para se complementar em um, mas para se inteirar reciprocamente a fim de que as personalidades se desenvolvam.

Resolver o problema do feminino é solucionar um problema de essência, sobretudo não lhe negando partes da identidade, sejam elas semelhantes ou diferentes das do masculino, o que desmonta novamente a tese do ser andrógino complementar.

Faz-se necessário mais uma vez um discurso que não seja rígido e fechado, mas justamente versátil como o ensaio.

"O ensaio não termina quando o ensaísta esgota o assunto mas quando este sente que ele não tem mais nada a falar."

Adorno, O Ensaio como forma.